

INFÂNCIA, RELEITURA DE UM REAL ACESSÍVEL PELO (E AO) IMAGINÁRIO EM BOITEMPO, DE DRUMMOND

Leíza Maria Rosa. Doutoranda em Estudos Literários (UFU)

Contato: leiza.rosa@hotmail.com

Resumo: Esse trabalho tem como objetivo estudar a literatura como espaço do ficcional, em diálogo com a questão do imaginário. Para tal, a intenção é utilizar como *corpus* literário um pequeno grupo de poemas publicados em *Boitempo*, de Carlos Drummond de Andrade, considerado um livro de memórias do autor. Propõe-se verificar o modo como o poeta traduz em imagens o tempo e o espaço da infância, tornada aberta e propícia à invenção de possíveis como prenúncio e, ao mesmo tempo, releitura, de um real acessível pelo (e ao) imaginário. Resultado de uma operação poeticamente transgressora, *Boitempo* é memória que se inventa, se escreve e se inscreve no tempo e no espaço imaginários.

Palavras-chave: Drummond; memória; infância; imaginário.

Intimação

O menino Carlito, como era chamado Carlos Drummond de Andrade pelos mais íntimos quando criança, corria pelas ruas pacatas de Itabira do Mato Dentro-MG. Nasceu em 1902, nono filho do fazendeiro Carlos de Paula Andrade e Julieta Augusta Drummond de Andrade, família de muito poder na vila, onde viveu até 1916, quando foi para o primeiro colégio interno. Em 1920, mudou-se com a família para a capital Belo Horizonte. Muitas passagens que percorreram essa infância e mocidade foram reinventadas nos 407 poemas que fazem parte da edição mais recente de *Boitempo*, 2017, Companhia das Letras.

A imaginação do menino Carlito era fértil, mas foi o adulto Carlos que dedicou páginas e mais páginas a recontar a infância, em poemas publicados não somente em *Boitempo*, mas em diversas coletâneas ao longo de anos dedicados à literatura, desde 1930, com o livro de estreia, *Alguma Poesia* até a publicação póstuma, *Farewell*.

Boitempo é considerado um livro de memórias do autor, recheado de histórias de outrora. Os poemas foram originalmente publicados em três volumes: *Boitempo e a falta que ama* (1968), *Menino antigo* (1973) e *Esquecer para lembrar* (1979), depois republicados nos anos 1980 em dois volumes. Na edição mais recente, em dois volumes, *Boitempo - Menino antigo* e *Boitempo - Esquecer para lembrar*, alterou-se a ordem original dos poemas, adotando um critério cronológico, por ordem de assunto,

indo da Itabira pré-histórica até os anos 1920. O primeiro volume da atual edição, *Boitempo - Menino antigo*, serve como *corpus* para este trabalho.

O livro tem sumário com subtítulos que enunciam determinado grupo de poemas, os três poemas introdutórios fazem parte da seção *Boitempo* e são matéria de discussão deste artigo. Os demais estão espalhados em outras seções: *Pretérito mais-que-perfeito*, *Fazenda dos 12 vinténs ou do Pontal*, cujo foco é o espaço rural de posse da família, onde está um menino observador da vida fazendeira do pai e das particularidades de um cotidiano que acontece num tempo mais lento, no tempo dos bois, de seus movimentos, que ao ruminar regurgita e novamente remastiga o alimento. A justaposição de dois substantivos (boi e tempo), formam uma metáfora muito bem explicada nesta seção, especialmente no poema de mesmo título, que nos oferece uma percepção da vida na roça: “Entardece na roça/de modo diferente./A sombra vem dos cascos,/no mugido da vaca/separada da cria/O gado é que anoitece” (ANDRADE, 2017, p. 63). As demais seções são: *Morar nesta casa*, *Notícias de clã*, *O menino e os grandes*.

O segundo volume, *Boitempo - Esquecer para lembrar*, também se subdivide em seções, de poemas com temas voltados para a vida mais urbana do poeta, cujo espaço é Belo Horizonte, o Colégio Arnaldo, um internato na capital mineira, onde ingressou na primeira série do colegial, em 1916, e o Colégio Anchieta, internato em Nova Friburgo.

Isto posto, vale ressaltar que os poemas de Drummond que se referem à memória não constituem um todo homogêneo, em cada obra há uma visão particular do passado, da infância, da família, de Minas. Segundo Candido (2017, p. 65), especialmente em *Boitempo*, tem-se uma autobiografia através de poesia, os dois volumes são dedicados a recontar cronologicamente a infância em Itabira, nos colégios internos pelos quais passou e a mocidade em Belo Horizonte, privilegiando tempo e espaço e fazendo dos membros do clã personagens principais.

Nesse conjunto está inserido o próprio poeta, que apresenta um eu lírico quase sempre em primeira pessoa, numa série de poemas narrativos; quando escreve em terceira pessoa, mostra-se o adulto que refere-se a ele mesmo quando menino, conforme explica em “Primeiro Conto”: “O menino ambicioso/não de poder ou glória,/mas de soltar a coisa/oculta no seu peito,/escreve no caderno/e vagamente conta/à maneira de sonho/sem sentido nem forma/aquilo que não sabe.” (ANDRADE, 2017, p. 225).

Neste poema dá-se claramente o entendimento de um eu lírico que tem na escrita memorialística uma necessidade, tal qual uma ambição, como forma de expurgar aquilo que está preso e o angustia; não sabe o que conta, diz que é matéria de sonho, o que preferimos chamar de imaginário, aquele meio termo entre real e ficção. Mas a proposição deste e de tantos outros estudos é exatamente desvendar a sabedoria do menino, agora adulto, que relembra e conta o tempo passado com tamanha maestria que o faz com material literário. Bastava um diário, uma carta, uma anotação, mas o poeta deixa-se aflorar e desvenda ao leitor a matéria mais íntima do que revive, o leitor é quem decifra a letra do menino e enxerga o não mais oculto no peito desse adulto.

Candido (2017, p. 66-67) explica que nos poemas de *Boitempo* há a peculiaridade de transcender o fato particular, pois o narrador poético opera um duplo afastamento do seu eu poético, há o adulto que foca o passado como objetos remotos, fora do passado, da cidade, da família, mas há o adulto que foca essa vida passada, “não como expressão de si, mas daquilo que formava a constelação do mundo, de que ele era parte” (CANDIDO, 2017, p. 67).

Assim, o que era particular generaliza-se, o narrador poético ora é “eu”, ora é “o menino”, e são os mesmos, primeira e terceira pessoa, “mas podem ver-se do lado de fora e de longe” (CANDIDO, 2017, p. 67). De forma que, a autobiografia se transforma em heterobiografia, pois a experiência pessoal se confunde com a observação do mundo (Itabira, pessoas, família, cultura), destaca-se o todo, mas fala de si inserido nesse todo. Através da poesia e da ficção tece a verdade que é o mundo do “eu”.

John Gledson (apud Andrade 2017, p. 304-305), em posfácio de um dos volumes de *Boitempo*, afirma que a volta de Drummond ao passado pessoal e familiar é um fato biográfico, tinha um interesse constante no assunto, mesmo que matizado pela ironia. Escorel (2011, p. 239) acredita que o fato de Drummond sentir essa necessidade de escrever sobre o próprio passado vem da solidão que sente, sobretudo por ser um interiorano na cidade moderna, o Rio de Janeiro, sente-se um prisioneiro da grande cidade.

Talvez por sentir-se deslocado, tanto da Itabira de sua atualidade, quanto do Rio de Janeiro, cidade onde viveu a maior parte da vida como funcionário público, Drummond sentiu a necessidade de identificar-se, numa tentativa de pertencer a algum lugar, desabafou a solidão que sentia, escreveu sobre si, sentiu as próprias dores e as do

mundo, voltou ao passado e fez dele presente, um entrelaçamento de subjetividades de um Carlos adulto que, com volúpia, volta a ser menino, como cita em “Intimação”, terceiro poema introdutório de *Boitempo – Menino Antigo*: “- Você deve calar urgentemente/as lembranças bobocas de menino./-Impossível. Eu conto o meu presente./Com volúpia voltei a ser menino.” (Andrade, 2017, p. 20).

Desnuda-se, a ponto de fazer com que o leitor acredite numa condição de real, mesmo dentro da ficção, o poeta foi intimado e, ao ser, deu voz a um eu lírico em primeira pessoa, num diálogo com alguém que ousou desafiá-lo por querer voltar ao passado e esse alguém teve a resposta: “Provavelmente, Drummond respondia a críticas reais, escritas ou faladas, de outros ou dele próprio, de que esse projeto era apenas uma fuga do presente, falta de engajamento, autoindulgência trivial, mero ‘contentamento de escrever’” (GLEDSON apud ANDRADE, 2017, p. 308).

Ora transforma-se em criança, ora observa essa criança para contar suas histórias vividas, possíveis pelo imaginário, histórias passadas que voltam a ser presentes, não bobocas, e sim muito importantes. Os tempos verbais dos poemas de *Boitempo*, muitas vezes no presente, demonstram que a volta ao passado está mais viva do que nunca.

Gledson (apud Andrade, 2017, p. 300) cita que os poemas inseridos em *Boitempo* são um esforço em recriar Itabira, a última tentativa de lidar com a perda de um lugar particular. Lugar que permaneceu apenas no imaginário, pois a cidade não era mais a vila que acolheu o menino e os outros poucos habitantes que se configuravam como uma grande família; não era mais aquela de ruas pacatas, jeito rural, formada por casarões e ruas de pedra, com o Pico do Cauê ainda intacto, depois transformado em grande cratera, por conta da exploração mineral. Itabira, a grande pedra no meio do caminho.

Drummond não conseguiu fazer as pazes com a Itabira de seus anos adultos, corroída pela exploração de minério, com suas montanhas quase que disseminadas por completo aos olhos do capitalismo, das multinacionais. A Itabira que admirava era a da infância, apenas possível no imaginário, na ficção, no texto literário; a Itabira real não lhe valia, não lhe tocava, como confidencia: “Itabira é apenas uma fotografia na parede. Mas como dói!” (Andrade, 2002, p. 68).

Para Candido (2017, p. 65-66), há um registro diferente das memórias drummondianas em *Boitempo*, além do fato do tempo passado tornar-se nuclear, a

forma de relacionar-se com esse tempo é diferente. Volta a piada, o humor em contar cenas corriqueiras, a autoironia. Recupera com prazer aspectos da meninice e da mocidade, até mesmo a figura do pai, sempre descrita de forma tão austera, com certo distanciamento, é apresentada como a fortaleza do clã, porém com ironia e humor.

A escrita de si nos textos de Drummond é poética, a linha subjetiva que perpassa a primeira pessoa de narradores e eu líricos tende a fazer com que tais textos sejam tomados como memorialistas, autobiográficos. Mas é importante ressaltar que essas lembranças são publicadas enquanto literatura, a ficção as povoa, nasce com a publicação do livro, os temas vêm de encontro ao leitor e tornam-se verossímeis, presentes num contexto social e cultural que os tornam possíveis de terem acontecido, portanto, universais.

Arrigucci Jr. (2002, p. 123) comenta sobre o fato de Minas estar quase sempre presente no discurso poético de Drummond, mesmo em textos em que a terra natal não aparece de forma explícita, há certas nuances que a imaginação permite chegar a Itabira, a Belo Horizonte. Para o autor, “a fidelidade a si mesmo é um traço fundamental de Drummond” (Arrigucci Jr., 2002, p. 21), traço este que enche grande parte da escrita do itabirano, em verso e prosa.

(In) memória, um real acessível pelo (e ao) imaginário

De cacos, de buracos
de hiatos e de vácuos
de elipses, psius
faz-se, desfaz-se, faz-se
uma incorpórea face,
resumo de existido.

Apura-se o retrato
na mesma transparência:
eliminando cara
situação e trânsito
subitamente vara
o bloqueio da terra.

E chega àquele ponto
onde é tudo moído
no almofariz do ouro:
uma europa, um museu,
o projetado amar,
o conclusivo silêncio.

(ANDRADE, 2017, p. 19)

O segundo poema introdutório de *Boitempo – Menino antigo*, “(In) memória” mostra-se como uma tentativa de esclarecer ao leitor como se forma novamente o passado num processo de rememoração. Há um trabalho artístico de emendar os cacos, como num quebra-cabeças, para formar novamente as imagens passadas; há buracos, espaços a serem preenchidos (hiatos, vácuos, elipses), até chegar ao resumo do existido, intenção central desta obra. Chega-se então ao que resta desse passado, pois fora virado em pó no almofariz de ouro, uma espécie de metáfora do tempo que tem o poder sobre todas as coisas. Segundo Yokozawa (2009), o que foi moído pelo almofariz do ouro inclui não apenas o existido, uma europa, um museu, mas também o que pudera ter sido, o projeto amar, o concluso silêncio.

As formas autobiográficas que perpassam a literatura são discursos situados na interface entre o real e o ficcional. Mais importante que tentar descobrir o que é um e outro, é tentar compreender o pacto que existe entre autor e leitor, implícita ou explicitamente. É difícil essa percepção entre ficcional e real nas formas autobiográficas. Segundo Castro (2007, p. 58), “o texto, que se configurou pela realização do imaginário, passa a requerer de seu leitor a capacidade de produzir o objeto imaginário por ele realizado; e o leitor o faz, da mesma forma que o autor, através dos atos de fingir”.

Ao conhecer a história de Drummond, por meio da fortuna crítica dedicada à sua vida e obra, toma-se conhecimento de vários fatos que marcaram a vida da criança e do jovem mineiro antes de tornar-se o *gauche* literário, fatos esses que encharcam sua escrita. Ao ler *Boitempo* e outros tantos textos, que fazem parte de outras obras que possuem essa veia memorialista de Minas, é impossível não compactuar com a escrita de si ali presente, fatos da vida que se fundem numa escrita poética ficcional.

Conforme cita Klinger (2007, p. 12), referenciando Philippe Lejeune, “a consideração de um texto como autobiografia ou ficção é independente do seu grau de elaboração estilística: ela depende de que o pacto estabelecido seja ‘ficcional’ ou ‘referencial’”. Há nos textos de Drummond a imagem de sua infância, elementos que identificam o narrador-protagonista como o autor.

Enquanto memorialista que escreve sobre a própria história, Drummond ficcionaliza a própria existência e busca encontrar-se na Itabira e na infância de outrora.

Apresenta um testemunho de boa fé, como propõe Costa Lima. “As memórias apresentam uma versão personalizada da história” (Costa Lima apud Klinger, 2007, p. 43). Ali está o fato que aparece por meio da lembrança e povoa o livro de memória, mas enquanto escrita subjetiva e poética, a vida de Carlito é recontada literariamente.

Drummond soube empregar memória poética em seus versos. Yokozawa (2009) reflete a escrita memorialista do poeta mineiro como a do narrador protagonista de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, no sentido de que tal narrador encontrava uma experiência autêntica, de forma casual, quando aflorava a memória involuntária, e entende que tais recordações lhe desencadeavam um estado de graça, sobretudo porque possibilitavam um surgimento de um novo ser, que ultrapassa passado e presente e se situa fora do tempo. “Na recordação, o narrador encontra a verdadeira experiência buscada em vão ao longo da vida” (YOKOZAWA, 2009). O meio encontrado por Drummond para registrar o passado, o efêmero, foi através da obra de arte, da escrita poética, num esforço de compreensão do que passou, de quem passou.

O poema “Irmãos, irmãos”, por exemplo, trata da solidão e da ausência; são seis, mas são distantes, cada um em sua solidão, contemplando suas ausências, a distância espacial que não existia enquanto crianças, mas que transforma-se quando adultos, “são seis ou são seiscentas/distâncias que se cruzam, se dilatam/no gesto, no calor, no pensamento?/Que léguas de um a outro irmão” (ANDRADE, 2017, p. 158). Distância essa que se amplia pelas responsabilidades, as novas famílias que se formam, os diferentes pensamentos e condutas; ficam os questionamentos, principalmente depois que começam a chegar as perdas, “Ser irmão é ser o quê? Uma presença/a decifrar mais tarde, com saudade?” (ANDRADE, 2017, p. 158).

Dos quatorze filhos que Julieta Augusta deu à luz, apenas seis sobreviveram à mocidade e à vida adulta (Flaviano, Rosa, Altivo, José, Carlos e Maria das Dores), os demais viveram alguns dias ou poucos anos, tal fato é relatado no poema “Os chamados”.

Ao debater sobre as inquietudes que permeiam a poesia de Drummond, Candido (2011, p. 73) afirma que o passado é algo ambíguo, é, ao mesmo tempo, o que passou (impedindo outras formas de vida) e o conhecimento dessa vida passada (que permite pensar numa outra forma de ter sido). Assim sendo, é “com os fragmentos proporcionados pela memória que se torna possível construir uma visão coesa, que

criaria uma razão de ser unificada, redimindo as limitações e dando impressão de uma realidade mais plena”. Essa razão de ser passa então a ganhar forma com a escrita artística, escape de uma vida inquieta, da velhice, da proximidade da morte.

A tentativa então é a de compreender como Drummond, poeta adulto, apresenta literariamente a experiência da infância – atravessando, transgredindo os limites entre o real e a ficção. Transgressão essa que pode ser entendida como forma de entender e resolver os conflitos vividos e/ou imaginados pela criança, agora adulta, que relembra o pai, coronel e fazendeiro austero, a mãe e cinco irmãos, na pacata cidade interiorana. O menino/adulto que via no boi não um meio de sustento, mas uma inspiração literária, tão deslocado da realidade da fazenda.

Nesse sentido lemos *Boitempo*, uma vez que é da realidade passada que parte o poeta, para transcender esse real e apresentá-lo da forma possível, através da lembrança de fatos passados (com os lapsos, as elipses, os buracos, o juntar dos cacos) e transpô-lo ficcionalmente na obra de arte, através do imaginário, como tempo presente.

Como numa viagem ao tempo, o poeta está agora em Itabira, em sua casa, tentando brincar com pedrinhas, mas os adultos incomodam sua brincadeira, com tanta conversa e discussão sobre coisas que, para ele, não tem a menor importância, pois não fazem parte do universo lúdico da criança assuntos tão sérios e considerados chatos, burocráticos. No poema “Os grandes”, o eu lírico em primeira pessoa é a criança que narra um acontecimento corriqueiro, o movimento de gente em casa e que ele não gostava, porque atrapalhava a rotina da família.

Para Candido (2017, p. 61), o livro de Drummond pode ser considerado autobiografia poética e ficcional, pois apresenta a realidade como se fosse produto da imaginação, “graças a recursos expressivos próprios da ficção e da poesia, de maneira a efetuar uma alteração no seu objeto específico”, principalmente porque consegue inserir o eu no mundo e mostrar aspectos universais nas manifestações mais particulares. É possível ler *Boitempo* como recordação ou invenção, como documento da memória ou obra criativa, Candido (2017, p. 65) define tal fato como dupla leitura.

Para Arrigucci Jr. (2002, p. 102), há um conteúdo de verdade e história na poesia de Drummond, como em toda grande poesia, mas não apenas porque reproduz fatos históricos, “mas porque revela uma consciência verídica da experiência histórica entranhada profundamente na subjetividade e na própria forma poética que lhe deu

expressão” (ARRIGUCCI JR., 2002, p. 103). Ou seja, Drummond viveu o tempo e contou o que viveu subjetivamente, o que Arrigucci Jr. (2002, p. 103) chama de historiografia inconsciente.

Ainda segundo o autor, o que Drummond conta conserva uma substância viva passada e que está no presente intemporal na forma do poema, o teor factual morre com o tempo, mas pode ficar registrado nos poemas e não se confunde com o teor de verdade humana e histórica, pois é recontado de forma subjetiva, sob um ponto de vista particular e poético. “O modo como Drummond captou na forma de seus versos, com o que trazia de mais íntimo em sua individualidade sensívelíssima, o sentimento de seu tempo é que faz dele o grande poeta que é” (ARRIGUCCI JR., 2002, p. 103).

Documentário, considerações do que restou

No Hotel dos viajantes se hospeda
incógnito.
Lá não é ele, é um mais-tarde
sem direito de usar a semelhança.
Não sai para rever, sai para ver
o tempo futuro
que secou as esponjeiras
e ergueu pirâmides de ferro em pó
onde uma serra, um clã, um menino
literalmente desapareceram
e surgem equipamentos eletrônicos.
Está filmando
seu depois.
O perfil da pedra
sem eco.
Os sobrados sem linguagem.
O pensamento descarnado.
[...]
(ANDRADE, 2017, p. 17)

Como o paradoxo que tanto permeia a escrita drummondiana, para as considerações finais, tem-se o poema introdutório de *Boitempo – Menino antigo*, intitulado “Documentário”. Tal poema é uma espécie de apresentação sobre o que o leitor terá contato pelas próximas páginas.

O eu lírico, em terceira pessoa, conta sobre um viajante, entendido como o próprio poeta, que faz parte do tempo passado e que chega à cidade, incógnito, sem nome, sem sobrenome, se hospeda no Hotel dos Viajantes e “não sai para rever, sai para ver o

tempo futuro”. A tentativa é novamente de fazer parecer que o tempo da infância em Itabira é presente, mas agora é possível visualizar o depois, o futuro; o personagem viajante está munido de uma câmera fotográfica que tudo registra, pois tal objeto vai além do que o olho nu poderia enxergar. O viajante enxerga e registra em Itabira as esponjeiras já secas, as pirâmides de ferro em pó que se ergueram “onde uma serra, um clã, um menino literalmente desapareceram”.

Há a constatação do que iria acontecer com a cidade, com os Andrades, com a infância, tudo foi modificado pelo tempo, é possível enxergar isso. O poeta, neste caso, é o eu lírico, expectador da própria existência, que observa à distância seu passado, que já conhece o documentário; mas é também o personagem, que está num tempo passado, que se apresenta como presente e enxerga o seu futuro, futuro que o eu lírico já tem conhecimento, pois este já se consolidou.

Villaça (2006, p. 120) chama a atenção para o fato de que há pelo menos duas vozes que se devem ouvir simultaneamente em *Boitempo*, “a do menino, em seu tempo antigo que se convoca sempre no presente da enunciação”, e a segunda, que é a do velho poeta, “que se cala para ouvir o menino, sem deixar, no entanto, de se oferecer como perspectiva futura para o presente da infância”.

A começar pelo título do volume estudado, *Menino Antigo*, nota-se o entrelaçamento dessas duas vozes. Esse paradoxo, da infância que se transformou em velhice, mas permanecem juntas para recontar os fatos, deve ser resolvido através da capacidade de compreensão do leitor. O “menino” é, às vezes, o eu lírico, às vezes, o personagem principal do poema, alguém que já viveu o que fixou no passado, mas que não está corrompido, retorna à memória do “antigo”, que é o menino que cresceu e viveu muito, o antigo não é o que ficou velho, é mais uma simbolização do tempo decorrido.

Os textos de *Boitempo*, portanto, são uma espécie de tentativa de trazer à tona a visão do menino que já viveu e não do adulto que recorda, pois a visão de mundo apresentada é quase sempre a percepção infantil, reforçada pela maturidade do poeta, que culmina no entendimento de como e por que os fatos aconteceram desta e não daquela maneira. “O menino antigo e o poeta moderno são, cada um a seu modo, colecionadores de cacos coloridos e vetustos” (VILLAÇA, 2006, p. 120).

Pelo volume de textos que Drummond tem dedicados à infância é difícil não acreditar que isso se impunha como uma necessidade para o escritor. Necessidade de lembrar, de esquecer ao escrever, de criticar a maneira como a cidade natal estava mudando, tentando adentrar na era moderna com as empresas exploradoras de minério, o que tanto o incomodava. Porque ele valorizava o simples, o interiorano, os hábitos corriqueiros que lhe permitiam aflorar a imaginação, o devaneio e o sonho.

A nação de Drummond é a Itabira do passado, a que ele deixou, e não a do presente, que ele não quer mais visitar; é de lá que vem os costumes, a gente simples, a infância, os amigos, a lembrança da família e da suntuosa casa que abrigou a família do coronel Carlos de Paula Andrade e agora são histórias em livro. O morador do Rio de Janeiro se identificava com Minas, era Itabira que vivia em Drummond, não a metrópole turística; era de Itabira a herança de hábitos, crenças, o conservadorismo, o jeito de falar, andar, a timidez, a reclusão.

Foi preciso recorrer ao imaginário para tentar fazer as pazes com o passado e, conseqüentemente, consigo mesmo, numa delicada viagem, cheia de recordações e saudades, estabelecendo um pacto muito íntimo com aquele que, em épocas diferentes, teria contato com uma obra literária tão fiel ao autor.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. vol. único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

_____. **Boitempo**: Menino antigo. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **Boitempo**: Esquecer para lembrar. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ARRIGUCCI JR., Davi. (2002). **Coração partido**: uma análise da poesia reflexiva de Drummond. São Paulo: Cosac Naify.

CANDIDO, Antonio. Inquietudes na poesia de Drummond. In.: _____. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 69-99.

_____. Poesia e ficção na autobiografia. In.: _____. **A educação pela noite**. 6. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2017. p.61-83.

CASTRO, Sandra de Pádua. O imaginário na construção da realidade e do texto ficcional. **Txt: Leituras transdisciplinares de telas e textos**, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, v. 3, n. 5, 2007, p. 53-60. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/txt/article/view/9565/8406>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

SCOREL, Lauro. Crítica literária. A Manhã, Rio de Janeiro, 1944. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Confissões de Minas**. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 235-243.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

VILLAÇA, Alcides. **Passos de Drummond**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. Tua Memória, pasto de poesia: configurações da memória em Carlos Drummond de Andrade. **Revista Garrafa**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, v. 7, n. 20, abr./jun. 2009. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/8464/6953>>. Acesso em: 11 jul. 2018.